



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13383 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

NÔ BÁ BRINCA, VAMOS BRINCAR, AHI TLHANGUI? CATÁLOGO DE JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

Míghian Danae Ferreira Nunes - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Agência e/ou Instituição Financiadora: Centro de Relações do Trabalho e Desigualdades (CEERT)

NÔ BÁ BRINCA, VAMOS BRINCAR, AHI TLHANGUI? CATÁLOGO DE JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: UMA PESQUISA APLICADA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO

Este texto apresenta o caminho de uma pesquisa aplicada que foi vencedora do Edital Equidade Racial da Educação Básica, promovido pelo Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT, SP), realizada em 2022 por bolsistas de diversas nacionalidades e dos cursos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês (São Francisco do Conde, BA) e coordenada por Míghian Danae Ferreira Nunes, professora da referida universidade. A pesquisa deu origem ao livro “Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras”, publicado no ano passado pela editora Aziza Editora; além de produzir material pedagógico para a contínua implementação da Lei 10.639/03 desde a educação infantil, a pesquisa buscou refletir sobre como os jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras podem espelhar parte da relação entre Brasil - África construída até os dias de hoje e como podem contribuir para uma reconexão entre os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOPs) e o Brasil.

Palavras-chave: Jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras; educação para as relações étnico-raciais; educação infantil; Lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que realizamos para a produção do livro contou três fases de trabalho que se relacionaram diretamente com as abordagens pedagógicas inovadoras necessárias para a promoção da equidade racial. Na primeira fase da investigação, realizamos uma pesquisa com mulheres e homens entre quarenta e sessenta anos em países que têm o português como uma das línguas oficiais, a saber, Brasil, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Cabo Verde. Na segunda fase deste estudo aplicado, produzimos um catálogo com jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, com o interesse de subsidiar a contínua implementação da Lei 10.639/03 no Brasil, preferencialmente na etapa básica da educação infantil; Estas ações visam o fortalecimento a construção de um currículo brasileiro que leve em consideração as contribuições dos PALOPs e, por conseguinte, as contribuições da população negra presente neste país, bem como reforçar a conexão presente entre os PALOPs e o Brasil, por intermédio da pesquisa e da produção dela advinda. Nossos referenciais teóricos baseiam-se nos valores civilizatórios africanos (FUKI-AU, 2000; BÂ, 2010) e na educação para as relações étnico-raciais (BRASIL, 2004; GOMES, 2012), além da importância que vemos na produção de um conhecimento afro referenciado desde a educação infantil (BRANDÃO e TRINDADE, 2010; BENTO e SILVA JR., 2012; BENTO, 2012).

O título deste resumo apresenta a expressão “vamos brincar” em duas das línguas faladas em países africanos, a saber: crioulo de Guiné Bissau (*nô bá brinca*) e xongani (*ahi tlhangui*). O objetivo geral da pesquisa foi realizar escuta de mulheres e homens brasileiras/os e dos PALOPs, entre quarenta e sessenta anos, sobre quais jogos e brincadeiras conhecem para a produção de materiais pedagógicos sobre jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Os objetivos específicos foram: a) Registrar oralmente as memórias de mulheres e homens entre quarenta e sessenta anos dos PALOPs sobre os jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras de suas infâncias e da atualidade; b) Organizar um catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras que possa ser acessível a todas as pessoas, em especial às comunidades partícipes da pesquisa; c) Colaborar para a produção de materiais pedagógicos para a educação de bebês e crianças pequenas, de modo a contribuir com a permanência da implementação da alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) proposta pela Lei 10.639/03 no Brasil; d) Colaborar com a formação continuada de professoras de educação infantil brasileira a partir de materiais pedagógicos que levem em consideração a alteração da LDB proposta pela Lei 10.639/03 e e) Compartilhar a pesquisa e os materiais dela derivados com

os PALOPs, como forma de estimular a cooperação educacional entre os países.

METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa aplicada se apropriou da abordagem qualitativa (REES, 2008) pois ela é a perspectiva que colabora com a compreensão de como as pessoas que participarão dela elaboram parte de seu mundo – aquele que desejamos conhecer e aprender – e como elas nos apresentam a ele, tendo a oralidade como porta de entrada (BÂ, 2010); segundo a autora Dilys Rees (2009), a pesquisa qualitativa “procura interpretar, de forma holística, o significado das experiências de uma pessoa, de um evento, ou de um grupo”. A pesquisa qualitativa é também aquela que nos permite, seguindo critérios de rigor científico, incluir a subjetividade como parte integrante das informações obtidas a partir das pessoas partícipes da pesquisa, não podendo retirá-la do contexto da pesquisa, mas sim problematizá-la, desde sua aparição no contexto da pesquisa como na produção da análise do material coletado.

Entre os meses de outubro de 2020 a maio de 2021 realizamos a primeira fase da pesquisa aplicada e nossa intenção foi coletar os jogos e brincadeiras que mulheres e homens entre quarenta e sessenta dos países da integração, a saber, Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe conhecem e/ou brincaram durante a vida. Esta coleta foi realizada por bolsistas oriundos/as destes países, estudantes dos diversos cursos da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) do *Campus* dos Malês em São Francisco do Conde, Bahia. Após a coleta, realizada através de entrevistas *online* a partir de um roteiro discutido previamente com o grupo da pesquisa, as/os bolsistas elaboraram uma lista destes jogos e brincadeiras, que foram adaptados à língua portuguesa escrita - e, em alguns casos, traduzidos, visto que as participantes da pesquisa não informaram a brincadeira em português e sim em sua primeira língua. Em caso de países com mais de um grupo étnico, buscamos mulheres e homens de grupos étnicos diferentes, mas sem a intenção de representar o grupo quantitativamente na pesquisa, mas para indicar, ainda que de modo panorâmico, as sociedades que estiveram a participar da pesquisa; as/os bolsistas trabalharam diretamente com o grupo de pessoas pertencentes ao seu país de origem.

Para valorizar a oralidade, elegemos a história oral (MEIHY, 1996; 2010) como caminho metodológico porque entendemos que, assim como José Meihy (1996, p. 93), inicialmente, ao combinar “duas funções complementares: 1) a de registrar e 2) a de divulgar experiências relevantes e estabelecer ligações com o meio urbano que consumia as entrevistas”, a história oral não apenas promove “um incentivo para a compreensão e o registro da história local”, mas também nos dá subsídios necessários à produção acadêmica necessária ao material que

será recolhido. A partir do texto de Bâ (2010), nossa referência primordial, nos munimos do trabalho criterioso empreendido no campo da história oral para encontrar nosso grupo de “colaboradores/as” (MEIHY, 2010, p. 148) no trabalho de campo. A história oral que iremos dar conta é a temática, visto que nossa intenção é dar conta de uma parte do significativo universo que compreende a experiência humana, a saber, a relação dos/as colaboradores/as com os jogos e brincadeiras ao longo de sua vida. A segunda fase da pesquisa começa com as transcrições, que serão realizadas com base naquelas realizadas pelo Núcleo da Universidade de São Paulo (USP) do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta NURC/SP (PRETI, 1999), de modo a assegurarmos uma análise apurada daquilo que as/os entrevistadas/os disseram; de posse do material, adaptações serão feitas e divulgadas de modo criterioso.

Após a transcrição completa das entrevistas, apresentaremos o material às pessoas partícipes da pesquisa, que poderão ajustar alguma informação que por ventura pode não ter ficado como ela pensou ter dito; esta etapa da pesquisa será necessária, visto que temos a intenção de realizar um catálogo com a descrição completa dos jogos e brincadeiras e podemos ter algum problema na compreensão das informações prestadas, seja por má conexão de Internet ou dificuldade na compreensão de alguma palavra ou expressão usada na entrevista presencial. Após este momento, passamos à elaboração do catálogo, que foi publicado em formato digital pela Aziza Editora[1], conhecida por sua produção infantil com foco na literatura africana e negro-brasileira. A editora procedeu à revisão completa do material, que continha todos os jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras coletadas na primeira etapa do projeto.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O projeto em questão conteve três fases e todas elas se relacionam diretamente com as abordagens pedagógicas inovadoras necessárias para a promoção da equidade racial; notamos que este projeto não seria possível se não tivéssemos no território do recôncavo baiano a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB, Campus dos Malês), pois foi a partir de sua existência que pudemos ter contato com estudantes internacionais vindos de todos os países presentes na pesquisa aplicada nesta primeira fase; localizamos, ainda, que a criação da universidade dialoga com um interesse do Brasil, em 2010 de, ao mesmo tempo, fortalecer os vínculos com os (PALOPs e confirmar os interesses do país na criação e manutenção das políticas de ação afirmativa iniciadas na virada do século vinte e um. Esta percepção nos trouxe a necessidade de discutirmos sobre a importância das políticas de ação afirmativa no Brasil para o fortalecimento do debate da inclusão e do tema

das relações étnico-raciais na educação nacional.

Quando realizamos a recolha dos jogos e brincadeiras, não tínhamos a intenção de estabelecer uma análise comparativa entre o que encontramos nos países da integração e o Brasil; após a conclusão do processo, as semelhanças e diferenças percebidas nos jogos e brincadeiras apresentadas no Catálogo reforça a ideia de que a vinda forçada de pessoas negras para o Brasil produziu sentidos e significados em diversas esferas da vida social das crianças e adultos de todos os países envolvidos. Estas contribuições estão longe de estarem completamente registradas e este processo é prova disto.

O conhecimento científico produzido com o Catálogo trouxe propostas pedagógicas para o trabalho com a educação para as relações étnico-raciais a partir das referências trazidas pela relação com o continente africano, de antes e de agora, para além das referências percebidas no território, a saber, o recôncavo baiano; este é um caminho que indica como podemos trabalhar a Lei 10.639/03 a partir do que temos, já que nós, pessoas negras, fazemos parte da sociedade e estamos presentes em muitos dos espaços educativos existentes. Notamos, assim, que a educação para as relações étnico-raciais, ainda que não de forma plena, já se encontra em alguma medida presente na escola pública brasileira, pois ela é uma instituição democrática onde se encontra a maior parte da população negra que acessa a escola formal. Reforçamos ainda que, se a educação das relações étnico-raciais é a educação que ensina a viver junto, não há como prescindir da mesma para a construção de uma educação de qualidade no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as fases da pesquisa, nos ocupamos de dar destaque a um trabalho de produção de conhecimento de modo coletivo, indicando um dos valores civilizatórios descritos por Azoilda Trindade (2010) em seus textos; a produção do catálogo intencionava subsidiar a contínua implementação da Lei 10.639/03 no Brasil, preferencialmente na etapa básica da educação infantil; por tudo isso, podemos afirmar, assim, que a criação e produção coletiva de materiais pedagógicos afirmativos para a educação brasileira foi o que orientou nosso trabalho, materiais estes pautados no debate antirracista e na luta por uma educação de qualidade. Reforçamos, ainda, que esta pesquisa poderá subsidiar estudos sobre a produção do conhecimento localizado e em afroperspectiva (NOGUERA, 2012) e a construção coletiva de materiais pedagógicos afirmativos pautados na educação das relações étnico-raciais e na luta por uma educação de qualidade.

Um dos resultados principais desta pesquisa foi a produção de material pedagógico em

consonância com a alteração da LBD de número 10.639/03, na tentativa de fazer com que a construção da equidade na educação aconteça. Como possibilidade de continuidade desta pesquisa, indicamos a: a) tradução do catálogo produzidos para outras línguas e b) outras edições do catálogo, já que ele enseja uma continuidade do trabalho aqui iniciado.

REFERÊNCIAS:

BÂ, Amadou Hampaté. A. Tradição Viva. In. História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. KI -ZERBO, Joseph. Brasília: UNESCO, 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres / (a cor da cultura; v.5) - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, Brasília, DF, 2004.

BENTO, Maria Aparecida Silva; JÚNIOR, Hélio Silva; Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial. São Paulo, 2012.

FUKI-AU, Kimbwandende Kia Bunseki; LUKONDO-WAMBA, A. M. Kindezi: the Kôngo art of babysitting. Baltimore: Black Classic Press, 2000. Tradução MÔ Maiê – Rede Africanidades.

GOMES, Nilma Lino. Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei no 10.639/03. 1. ed. -- Brasília: MEC; Unesco, 2012.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. Editora Contexto: São Paulo. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), (18), 62–73, 2012.

PRETI, Dino. O discurso oral culto 2a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

REES, D. K. Considerações sobre a pesquisa qualitativa. **Signótica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 253–274, 2009.

[1] O livro está disponível no site da Aziza Editora. Para acessá-lo e baixar gratuitamente, é preciso realizar um cadastro simples no site. 11nq.com/catalogodejogosebrincadeiras

